

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

**Ana Maria Konrath Barbosa**

**O CENTRO DE INTERESSES VISTO  
COMO UMA DAS ESTRATÉGIAS  
VÁLIDAS PARA INCLUSÃO DE ALUNOS  
COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS  
ESPECIAIS:**

***“...isso eu sei profe!”***

**Porto Alegre**

**2010**

**Ana Maria Konrath Barbosa**

**O CENTRO DE INTERESSES VISTO  
COMO UMA DAS ESTRATÉGIAS  
VÁLIDAS PARA INCLUSÃO DE ALUNOS  
COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS  
ESPECIAIS**

*“...isso eu sei profe!”*

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial e obrigatório para conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura /Modalidade a Distância, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / UFRGS.

**Orientadora:  
Prof<sup>a</sup>. Ana Maria de Barros Petersen**

**Tutora:  
Cátia Zílio**

**Porto Alegre**

**2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Graduação: Profa. Valquíria Linck Bassani

**Diretor da Faculdade de Educação:** Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia –  
Licenciatura na modalidade a distância/PEAD:** Profas. Rosane  
Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este trabalho:

Ao meu marido Junior e ao meu filho Vinícius, pelo carinho, incentivo, pela ajuda, pela compreensão e pela motivação para que eu terminasse esta caminhada.

A toda minha família, principalmente minha mãe Paulina, por ter acreditado, pela compreensão nos momentos difíceis durante a elaboração deste trabalho de conclusão.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, meu refúgio e força, onde sempre encontrei respostas para os meus problemas, que nos momentos de dúvida, me concedeu serenidade, saúde e disposição para terminar esta jornada.

À Prof<sup>ª</sup>. Ana Maria de Barros Petersen, minha orientadora, pelo apoio, paciência, credibilidade e compreensão que me proporcionou.

À tutora Cátia Zílio, pelo carinho, dedicação e ensinamentos oferecidos.

Aos meus colegas pelo apoio e carinho durante todo o curso.

A todos que contribuíram direta e indiretamente na realização deste trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho origina-se das experiências vivenciadas durante o Estágio de Docência do Curso de Graduação em Pedagogia, realizado em 2010/1, com uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Sapiranga/RS. O objetivo deste estudo é identificar a importância do professor trabalhar com seu aluno, os assuntos de interesse dele, principalmente o aluno com necessidades especiais, valorizando suas vivências, suas experiências, sua realidade levando em consideração o contexto de vida, como se apresentaram na realidade escolar, naquele momento, como os alunos se beneficiaram, ou não e, principalmente, que modificações senti na minha prática pedagógica.

Vejo a organização curricular por Centro de Interesses, um método pedagógico que consiste em centrar os temas de estudo de acordo com os interesses dos alunos, como um diferencial importante no processo de inclusão, porque constrói uma outra lógica educativa, centrada na capacidade individual de aprendizagem, amplia possibilidades de construção do conhecimento de forma mais global, tendo como eixo a aprendizagem significativa do aluno, considerando suas características singulares quanto ao desenvolvimento, interesse e experiências vivenciadas. Possibilita ainda, o diálogo com a realidade dos alunos ampliando seus conhecimentos, e fomenta a perspectiva de trabalho coletivo entre professores, alunos e comunidade escolar. Visa possibilitar a formação de alunos reflexivos, participativos e atuantes em um mundo cada vez mais globalizado.

Neste trabalho eu saliento a importância do planejamento do professor deve ser flexível, pois cada turma tem características próprias, diferentes níveis de entendimento sobre certos assuntos e alunos com capacidades e dificuldades diversas. Sendo assim, o professor deve estar apto a formular um planejamento de acordo com a realidade de cada turma, não esquecendo dos momentos de brincadeiras e jogos, pois a criança não apenas se diverte, ela recree e interpreta o mundo em que vive, se relaciona com o mesmo. Brincando, a criança aprende e ensina.

**Palavras-chave:** 1. Centro de Interesse 2.Necessidades especiais  
3.Limitações 4.Planejamento



## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1: CONSTRUÇÃO DA CASA FEITO PELA ALUNA DE INCLUSÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>FIGURA 2: PASSEIO .....</b>	<b>20</b>
<b>FIGURA 3: DESENHO FEITO POR UM ALUNO REPRESENTANDO O TRAJETO PERCORRIDO NO PASSEIO.....</b>	<b>20</b>
<b>FIGURA 4: ALGUNS ALUNOS APRESENTANDO O DESENHO DA MÃE .....</b>	<b>22</b>
<b>FIGURA 5: PINTURA DA ALUNA DE INCLUSÃO RESPEITANDO OS LIMITES.....</b>	<b>23</b>
<b>FIGURA 6: HORA DO CONTO.....</b>	<b>24</b>
<b>FIGURA 7: ALUNOS TRABALHANDO EM GRUPO.....</b>	<b>25</b>
<b>FIGURA 8: CARTAZ SOBRE AS FAMÍLIAS CONFECCIONADO PELA TURMA.....</b>	<b>26</b>
<b>FIGURA 9: NO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA PESQUISANDO O MASCOTE DA COPA 2010.....</b>	<b>27</b>
<b>FIGURA 10: DIGITAÇÃO DE TEXTO NO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA.....</b>	<b>28</b>
<b>FIGURA 11: BRINCADEIRA NO GINÁSIO DE ESPORTES DA ESCOLA</b>	<b>30</b>
<b>FIGURA 12: TRABALHO COM SUCATA.....</b>	<b>32</b>
<b>FIGURA 13: APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS DA TURMA NO PROJETOR MULTIMÍDIA.....</b>	<b>32</b>



## SUMÁRIO

.....	10
<b>1 APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>12</b>
1.1 Minha escola.....	12
1.2 Minha turma .....	13
<b>2 A ESCOLHA .....</b>	<b>14</b>
<b>3 MINHA EXPERIÊNCIA.....</b>	<b>19</b>
3.1 Jogos e brincadeiras.....	29
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>
<b>ANEXO - FOTOS DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS .....</b>	<b>36</b>

# 1 APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade cumprir as exigências pedagógicas e legais para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, strictus sensus, na modalidade a distância na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Como objeto de reflexão foi escolhido o tema: **O centro de interesses visto como uma das estratégias válidas para inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais**, baseado nas experiências desenvolvidas ao longo do estágio obrigatório.

Este tema se originou nas indagações que se fizeram presentes ao longo do Curso de Pedagogia e que procuro sistematizar através desta escolha pontual, centrada nas experiências vivenciadas no meu estágio.

Meu objetivo, ao fazer esta escolha foi deter um olhar mais demorado sobre a necessidade de trabalhar com os alunos assuntos do interesse deles, dando valor às suas vivências e bagagens, suas experiências e seu contexto de vida, como se apresentaram na realidade escolar, naquele momento, como os alunos se beneficiaram, ou não e, principalmente, que modificações senti na minha prática pedagógica.

## 1.1 Minha escola

A escola na qual realizei meu estágio obrigatório constitui-se de treze salas de aula, refeitório, cozinha, sala dos professores, secretaria, sala da equipe diretiva, sala de recursos multifuncionais, banheiros, biblioteca, dois depósitos, um ginásio esportivo, quadra de areia, campo de futebol, pracinha, e

um laboratório de informática equipado com dez computadores, com internet a rádio.

Cada turma tem direito a uma hora semanal para usar o laboratório. Eu trabalho no turno da tarde com mais treze professoras. Atendemos alunos de classe baixa e com pouco estímulo para os estudos. Alguns alunos chegam na escola com fome e frio, com o emocional abalado por brigas em casa entre o pai e a mãe.

Podemos contar com a colaboração da equipe diretiva, no sentido de ajuda e parceria, desde que os conteúdos sejam dados.

## **1.2 Minha turma**

O trabalho foi desenvolvido numa turma composta de vinte e quatro alunos, de sete a nove anos, sendo doze meninos e doze meninas. Tenho três alunos repetentes e duas meninas de inclusão, sendo que uma delas tem oito anos com idade mental de quatro e esta é a única informação que consta no laudo dela. A outra menina tem hidrocefalia e uma válvula na cabeça. As duas apresentam grandes dificuldades em acompanhar o rendimento da turma, por isso procuro dar atividades diferenciadas para as duas.

A turma é agitada, mas interessada em novidades. Gostam de conversar e de trocar ideias.

A sala está localizada no segundo piso da escola, o tamanho dela é pequeno, os vinte e quatro alunos ocupam, praticamente todo o espaço com classes individuais, onde sentam em trios. É um ambiente tranquilo, bem iluminado e gostoso, permitindo o fácil acesso para outros espaços, da escola. Tem uma parede lateral da sala, onde eu coloco todas as palavras trabalhadas com gravura, a qual serve de pesquisa para os alunos.

No meu armário tenho jogos variados de quebra-cabeça, memória, alfabeto móvel, e muitos outros que jogamos quando não é possível fazer recreio na rua.

Desde o primeiro momento percebi que a participação e interesses dos pais, na vida escolar das crianças, era pouca. Na primeira reunião que fiz com

os pais notei a falta de muitos deles. Não consegui constatar, também, qualquer acompanhamento dos pais no caderno de seus filhos.

## **2 A ESCOLHA**

É um desafio tornar a escola um espaço aberto e adequado ao ensino inclusivo. Sabe-se que os obstáculos já são encontrados na definição dos princípios da educação inclusiva para que atenda as especificidades de cada criança.

Considerando a escola um ambiente em que todos devem ser tratados com igualdade, o ideal é que os alunos tenham as mesmas oportunidades, porém, essas podem ser aplicadas de forma diferenciada, dependendo do ritmo de cada um.

Baseando-se nos princípios de “igualdade de oportunidade” e “educação para todos”, é que questiona-se a inserção e permanência na escola dos alunos considerados com necessidades especiais, pois a mesma continua a oferecer condições e oportunidades sociais, educacionais e profissionais idênticas às que são oferecidas às outras pessoas.

Vejo a organização curricular por Centro de Interesses, que é um método pedagógico que consiste em centrar os temas de estudo de acordo com os interesses dos alunos, como um diferencial importante no processo de inclusão, porque constrói uma outra lógica educativa, centrada na aprendizagem dos alunos, considerando suas características singulares quanto ao desenvolvimento, interesse e experiências vivenciadas. Penso que o conhecimento é uma construção que é feita através das informações que adquirimos, as vivências e experiências que passamos no meio social e cultural no qual vivemos.

Isto significa construir a partir do planejamento pedagógico uma prática inclusiva, oportunizando ao aluno aprender a ser sujeito participante de suas aprendizagens. Segundo Becker (2001,p.24) “[...] aprendizagem é, por excelência, construção; ação e tomada de consciência da coordenação das ações. Professor e aluno determinam-se mutuamente.”

Acredito que o Centro de Interesse trabalha o conhecimento do aluno, sua bagagem, permitindo a relação entre conteúdos e áreas do conhecimento, despertando no aluno um maior interesse em aprender re-significando para ele seu processo de aprendizagem.

O Centro de Interesse estabelece uma relação, uma interação do tema a ser trabalhado dentro e fora da escola, de acordo com o que os alunos já sabem. Criam situações para construções de aprendizagens básicas.

[...] não devemos entender que opor-se à fragmentação corresponda a negar os conteúdos. Ao contrário, para ele tudo pode ser objeto de estudo, a organização é que deve ser mudada. Modificados os programas, os interesses naturais das crianças poderiam então ser desenvolvidos através de “um traço de união entre os diversos elementos do conteúdo. Esse princípio de associação, ou relação, é o centro de interesse” (MATTOS, 2008, p.71).

O professor cria estratégias e atividades, exerce o papel de facilitador apresentando recursos necessários para a construção do conhecimento, despertando a curiosidade no aluno, estimulando descobertas, a criatividade e a participação.

[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 1996, p.33).

E um dos pontos principais é o respeito ao ritmo de aprendizagem de cada aluno. Devemos oferecer propostas diferenciadas e específicas para todos os alunos e especialmente aqueles com necessidades especiais. O professor além de ensinar, precisa aprender o que seu aluno já construiu até o momento, fazendo assim uma prévia das aprendizagens futuras.

Quando trabalhei o tema “Casas diferentes”, apresentei a proposta de cada aluno um desenhar um tipo de casa, cada um desenhou da sua maneira, como minha aluna de inclusão tem grande dificuldade em desenhar, em segurar um lápis na mão, ofereci massa de modelar para ela, ela construiu sua casa, da sua maneira, no seu tempo.

Como diz Baptista (2004, p.13): “o professor que não é capaz de flexibilizar objetivos e planejar com certo nível de individualização não consegue trabalhar com as classes heterogêneas que historicamente constituíram o campo de atuação escola”.



**Figura 1:** construção da casa feito pela aluna de inclusão

Realmente o planejamento do professor deve contemplar todos esses aspectos, pois cada turma possui uma personalidade, diferentes níveis de entendimento sobre certos assuntos, e alunos com dificuldades diversas. O aluno deve participar ativamente das aulas, trazendo o conhecimento, trocando experiências, levando o conhecimento, o seu aprendizado adiante. Sendo assim, o professor deveria estar apto a formular um planejamento de acordo com a realidade de cada turma.

“...as atividades devem constituir-se sempre em incentivos que desafiem as crianças, a provoquem e suscitem curiosidade, permitindo sua participação ativa em as tarefas. Além disso devem ser possíveis de realização, no tempo real e no espaço que a criança



dispõem, obedecendo a um nível de graduação de dificuldades. (Cinel, 2004, p.35)

À frente da turma, o professor deve de ser capaz de perceber o que precisa ser trabalhado de forma diferente, mesmo que isso signifique se afastar um pouco dos conteúdos programados pela escola. O profissional usufrui de uma grande liberdade na hora de montar um plano de aula. O que se observa muitas vezes é que a ação de planejamento é tida como um conjunto de etapas pré-definidas, mecanicamente seguidas sem um questionamento mais crítico.

Sabemos que nas escolas atuais, ainda existe uma preocupação em passar os conteúdos programados pelos Planos de Estudos, devemos ter em mente que isso não precisa ser o mais importante e sim a utilização destes conteúdos para a compreensão da realidade.

A idéia de um bom tema pode surgir, por exemplo, de um bate papo entre professor e alunos. Uma pequena curiosidade pode se transformar em assunto interessante para uma grande aula, caso o professor saiba aproveitá-la.

Os centros de interesse são constituídos pela formação de classes que iniciam seus estudos a partir de um tema central. Na análise de Luzuriaga, o tema, no método decroliano, é baseado no interesse autêntico das crianças, que deve ter uma flexibilidade e fluidez que possibilite afastar de toda rigidez e sistematização da escola tradicional. O tema escolhido é apenas um ponto de partida que deve desencadear livremente para outros temas (MATTOS, 2008, p.72).

A criança de inclusão muitas vezes é isolada e segregada pelos colegas, mas não entende o tratamento diferenciado, pois não se vê como diferente. Em muitos casos fica perturbada com suas próprias incapacidades. Sem conseguir concluir as tarefas, como vê seus colegas fazerem na escola, no recreio, na pracinha e até em casa, a criança de inclusão pode vir a sofrer de estresse, tristeza e baixa auto-estima.

A noção de interesse em Montessori tem como ponto central a atividade livremente escolhida e realizada pela criança, o que nos levará a aprofundar na sua noção de liberdade. Para Montessori, a

atividade sempre será realizada com profundo interesse quando a criança, partir de sua própria iniciativa e “energia vital”, escolhe livremente o que quer fazer. Havendo a livre escolha, a consequência será a concentração na realização da atividade, a disciplina da criança e a repetição até a satisfação da criança, sendo esta última característica mais acentuada em crianças pequenas. Entretanto, para que possa haver uma escolha livre, o ambiente deve ser preparado, ou como diz Montessori, deve-se “enriquecer o ambiente” (MATTOS, 2008, p.60).

Esta é uma das razões que me levam a defender a ideia de trabalhar em sala de aula assuntos que sejam de interesse da criança, que desperte sua curiosidade. Algo que ela conheça e saiba do que estamos falando, do qual ela possa de alguma maneira participar, ou seja, uma estratégia que a inclua nas tarefas. Como diz Freire (1996, p. 33), “sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”

É importante despertar o interesse dos alunos e, ao mesmo tempo, aprender a descobrir algo especialmente sobre aquele aluno que tem dificuldade de manifestar seus desejos, suas vontades seus interesses por diferentes motivos. Cabe ao professor procurar alguma manifestação do seu comportamento que revelem quais são seus interesses. Segundo Baptista (2004, p.6), “a exigência de que todos aprendam a ler e escrever, e valorizar tais competências é o primeiro passo para fazer surgir as dificuldades de aprendizagem e, conseqüentemente, a desvantagem daquele que não aprende ou aprende com dificuldade”.

### **3 MINHA EXPERIÊNCIA**

O estágio é um aprendizado, um exercício e uma práxis onde podemos realizar articulações entre teoria e prática, aprendendo e ensinando e trocando ideias com supervisores e tutores.

No período do meu estágio foram trabalhados temas do interesse dos alunos, de maneira criativa e divertida, criando estratégias e atividades que forneceram condições para que os alunos construíssem seu conhecimento de maneira prazerosa.

O primeiro projeto foi elaborado, partindo de um passeio perto da escola, que se propunha a despertar as curiosidades, as dúvidas e os interesses da turma. O passeio foi tranquilo, paramos várias vezes para observar, as ruas, casas, carros, lixo, praça, tudo que despertava a curiosidade dos alunos, nós observávamos.

Quando voltamos pra sala os alunos fizeram o desenho do passeio. Cada um desenhou o que mais chamou sua atenção. Fiquei impressionada com os detalhes dos desenhos, a criatividade, a dedicação deles em realizar o trabalho proposto.



**Figura 2:** passeio



**Figura 3:** Desenho feito por um aluno representando o trajeto percorrido no passeio.

Fiz uso dos ensinamentos pedagógicos de Paulo Freire, permitindo que os alunos, dentro do possível, se tornassem agentes ativos no processo ensino-aprendizagem. Desta forma, participaram da construção de conhecimentos, descobriram soluções para seus medos, curiosidades e frustrações.

Meu papel foi de mediador, ajudando-os nas suas descobertas, a se tornarem mais críticos e questionadores. Para isso criei momentos de debates sobre assuntos do interesse deles. Como diz Cinel (2004, p.32) “ao professor compete oportunizar aos alunos condições para aprender, criar, resolver

problemas e desafios, descobrir soluções, refletir, desequilibrar-se e re-equilibrar-se com autonomia e auto-controle.”

A atitude do professor em sala de aula é importante para criar climas de atenção e concentração, sem que se perca alegria. Se o aluno teme constantemente a crítica e a censura do professor, se o relacionamento entre eles é permeado de hostilidade e medo, a atmosfera da sala de aula é negativa. Neste caso, há o aumento da ansiedade do aluno, diminuindo sua capacidade de percepção, raciocínio e criatividade.

Acredito que se a aprendizagem, em sala de aula, for uma experiência de sucesso, o aluno constrói uma representação de si mesmo como alguém capaz. Se ao contrário, for uma experiência de fracasso, o ato de aprender tenderá a se transformar em ameaça. O aluno ao se considerar fracassado, vai buscar os culpados pelo seu conceito negativo e começa achar que o professor é chato e que as atividades não servem para nada.

Fiz o possível para que o aluno não tivesse medo de perguntar, de posicionar-se, valorizando a cultura do aluno, respeitando suas bagagens, suas vivências, experiências, “o pensar daquele não pode ser um pensar para estes nem a estes imposto”.( Freire, 1987, p. 37).

Trabalhei de maneira a oportunizar momentos para que eles pudessem descobrir soluções para seus problemas. Enquanto observava os alunos, notei que eles não estão preparados para questionar, a maioria espera respostas prontas e, apenas em algumas situações, um ou outro consegue ser crítico. Mudar esta situação foi um trabalho lento, onde cuidei para não dar respostas, incentivando a pesquisa.

Minha função nos processos de ensino e aprendizagem foi de orientar meus alunos durante as atividades de forma ativa e desenvolver um papel de guia, de forma a oferecer momentos que levem os alunos a construir seus conceitos, valores, atitudes e habilidades que lhes permitam crescer como pessoas, como cidadãos e futuros trabalhadores, desempenhando uma influência verdadeiramente construtiva. Como diz FREIRE (1996, p.13): “...nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando

em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.”

Quando se trata destes meus alunos, falar de mãe sempre é um assunto delicado, pois alguns, demonstram sérios problemas com respeito à própria mãe. Separação, abandono, prostituição, espancamento, são algumas situações que meus alunos vivem em casa. Com tudo isso fica difícil falar que a mãe é nossa protetora, nossa amiga, que nos ama e cuida dos filhos com dedicação. Então quando falei de mãe, procurei falar da mãe que procura acertar, da mãe que às vezes está estressada pela jornada dupla ou tripla, da mãe que pode errar como todo ser humano. Também falei da mãe amorosa, dedicada, tranquila e feliz. Depois cada aluno, falou um pouco da sua mãe e fez o desenho dela e quem teve vontade apresentou seu desenho, fazendo algumas colocações sobre sua mãe.



**Figura 4:** Alguns alunos apresentando o desenho da mãe

Voltando à leitura de Paulo Freire, reforcei minha convicção de que o ensino e a aprendizagem são processos únicos não no aluno ou no professor, mas na experiência dialogada e compartilhada das pessoas mediada pelo mundo histórico social.

Ao alfabetizar, portanto, o professor deve ter presente que “aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra”. (Freire, 1987, p.11).

Notei nos meus alunos, a felicidade deles quando escrevem um bilhete pra mim, sem compromisso com certo ou errado, eles escrevem o que sentem, um recado, um agradecimento, se estão tristes ou alegres. Isso pra eles é mais importante do que qualquer cópia de texto sem significado pra eles. Segundo Freire (1996, p.21) “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

O professor ao planejar as atividades, ele coordena, organiza e atua conjuntamente com os alunos, fazendo com que os próprios alunos sejam agentes do seu aprendizado. Isso ficou claro na minha prática em sala de aula, no momento em que descobri que minha aluna de inclusão aprendeu a pintar respeitando os limites, antes ela respeitava com minha ajuda, mostrando até onde ela podia pintar. Naquele momento ela pintou algumas formas geométricas sozinha e muito bem pintadas. Temos que saber ouvir as necessidades dos nossos alunos e não entrar na sala de aula como se nós professores sabemos de tudo e os alunos nada.



**Figura 5:** Pintura da aluna de inclusão respeitando os limites

A escola deve fazer intervenções e oferecer desafios adequados ao aluno com necessidades especiais, além de valorizar suas habilidades, trabalhar sua potencialidade intelectual, reduzir as limitações provocadas pela deficiência, apoiar a inserção familiar, escolar e social, bem como prepará-lo



para uma adequada formação profissional, almejando seu desenvolvimento integral.

Durante a realização das atividades planejadas, tive a prova de como é importante o planejamento ser flexível, pois numa aula em que eu não tinha planejado uma hora do conto, ela acabou acontecendo. Os alunos encontraram um livro novo, com uma história sobre uma casa e não tive dúvidas, sentamos no chão e contei a história. Seria um "crime" voltar para sala, continuar a aula planejada e os alunos ficarem apenas na vontade de saber a história do livro.



**Figura 6:** hora do conto

Educação é um processo que se dá no mundo de convivência e ao mesmo tempo no interior do indivíduo. Nós professores devemos propiciar um clima harmonioso de trabalho, valorizando a construção de vínculos afetivos e o respeito à individualidade, fazendo com que o aluno tenha confiança em suas capacidades cognitivas, afetivas, ética e social para agir com perseverança na busca do conhecimento e no exercício da cidadania. Este momento harmonioso encontrei na minha sala de aula, quando meus alunos trabalharam em grupo, foram momentos de troca de ideias, respeito e valorização dos trabalhos e dos colegas. Nesta foto a aluna de inclusão está presente no grupo e foi muito bem recebida pelos demais colegas, teve oportunidade de expor suas ideias e mostrar que é capaz, mesmo com suas limitações.





**Figura 7:** alunos trabalhando em grupo

Como diz Paulo Freire (1987, p.68) “os homens se educam entre si e mediados pelo mundo”. Freire, o mentor da educação para a consciência criticava a ideia de que ensinar é disponibilizar a informação para que o aluno possa construir o conhecimento porque, para ele, o papel do professor era possibilitar a criação ou a produção de conhecimentos. Penso que isso é preparar nosso aluno para o mundo, para a vida.

Outro assunto, que gosto muito de conversar com as crianças, é sobre a diversidade das famílias. Foi muito legal, quando os alunos trouxeram gravuras que eram de famílias diferentes, negra, brancas, famílias indígenas, só o pai com o filho ou só a mãe. Consegui manter um bate-papo descontraído. Segundo Freire (1987, p.39): “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos”.

Este trabalho com as crianças foi muito interessante, pois ao expressarem suas percepções não encontrei indícios da existência discriminação.

Elaboramos um cartaz com gravuras de diferentes famílias, e notei que os alunos não selecionaram apenas gravuras de famílias perfeitas com pai mãe e filhos e aparentemente felizes. Foi uma diversidade de famílias, e houve um respeito entre eles por esta diversidade.



**Figura 8:** Cartaz sobre as famílias confeccionado pela turma

Como professora, defendo o princípio de que o trabalho de educar não deve se limitar a transmitir conteúdos, mas a favorecer a atividade mental do aluno. O importante é não apenas se apropriar de conceitos, mas também gerar questionamentos, ampliar as idéias.

Paulo Freire condena a escola conservadora, tradicional, denominada por ele de “Educação Bancária”, pois oferece o ensino onde o professor deposita o conhecimento no aluno, onde a idéia de ensinar é de transmitir saber, é acomodar esse aluno. Freire defende uma educação libertadora, onde os alunos são agentes ativos nos processos do ensino e da aprendizagem. Nessa proposta de educação, a valorização da cultura do aluno é fundamental.

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (Freire, 1987, p.38 ).

Durante o estágio, reforcei minha convicção de que trabalhar com os alunos assuntos do interesse deles realmente é um estímulo, eles se dedicam em pesquisar, conversar, falar sobre algo que eles estão ouvindo na rua, na TV, em casa o que contribui para tornar a aula mais prazerosa. Ao anunciar a copa e sugerir a todos um trabalho sobre “A copa e nossa família”, foi muito

divertido e contagiante ver a alegria deles em conversar, trocar ideias sobre jogadores, times preferidos.

O tema gerador é o universo que tem como base a teoria lógica do conhecimento. A proposta deve possibilitar que o aluno compreenda o contexto em que está inserido e sua realidade. Sugerir situações de vida comuns e significativas para os integrantes da comunidade em que se atua e colocá-lo diante de situações e desafios criando e recriando, desenvolvendo assim seu pensamento crítico na busca de novos conhecimentos através da leitura de mundo. (FREIRE, 1987, p.56)

O momento da pesquisa sobre o mascote da copa, que se chama Zakumi, foi muito legal, todos estavam concentrados em procurar e, até mesmo os alunos com necessidades especiais, superavam suas limitações, pois a vontade de aprender e conhecer eram mais forte.



**Figura 9:** No laboratório de Informática pesquisando o Mascote da Copa 2010.

Procurei sempre levar em consideração o ritmo de cada um, pois assim como na formação do pensamento das crianças há etapas de desenvolvimento, aqui também estas etapas devem ser respeitadas pelo professor. Este é um momento em que a correção da escrita não é tão importante, pois “[...] mais importante do que escrever certo é escrever o que sentem vontade de escrever”. (HARA, 1992, [s.p.]).

As propostas de Centro de Interesse, Projetos de Trabalho e Temas Geradores se inspiram nos mesmos princípios que fundamentam a educação

libertadora que Freire defende. Conforme Cine (2004, p.32) “os temas ou conteúdos a serem estudados devem ser apresentados no seu todo e não repartidos em disciplinas ou áreas de conhecimento.”

Durante meu estágio aconteceu um aprendizado simples, mas grandioso para mim e para minha turma. Os alunos digitaram um texto criado na aula anterior. Cada um digitou seu texto, estava planejado que iríamos imprimir, mas não deu tempo suficiente para isso. Então a professora ensinou os alunos a salvar o seu texto, eles colocaram o nome deles, a turma e clicaram em salvar. Na próxima aula a professora de informática a professora ensinou a procurar a pasta e abrir o texto novamente. Eles estavam todos orgulhosos, pois aprenderam uma novidade e eu orgulhosa por eles terem conseguido realizar um processo que nenhuma turma de 2º ano havia realizado, pois eles saem da informática e não sabem pra onde vão seus trabalhos, com isso agora eles aprenderam que tudo o que eles fazem pode ser “guardado” no computador. E eu aprendi que tudo que é do interesse deles é de fácil aprendizado.



**Figura 10:** Digitação de texto no laboratório de Informática

Essa educação possibilita uma troca de ideias, dúvidas e experiências entre professor e aluno, com isso a atuação educativa torna-se um processo de criação e recriação do conhecimento. Os assuntos trazidos no dia-a-dia pelos alunos, como notícias da televisão ou dilemas pessoais e familiares, também

precisam ter um tempo reservado para serem debatidos, se possível relacionando-os ao tema que está sendo trabalhado.

Nesta proposta a valorização da cultura é algo indispensável, pois ajuda na construção dos debates, discussões onde cada um pode expressar suas ideias e opiniões.

Para o professor trabalhar um Centro de Interesse com seus alunos, ele deve estar atento aos três tipos de fases a observação, a associação e a expressão. Conforme CINE (2004, p.34): “observação é o momento que o professor observa a realidade de cada aluno, seus objetos, família, escola, bairro, pessoas que o rodeiam.”

A associação é o momento que por meio das associações os alunos podem construir noções e realizar várias aprendizagens. A expressão deve estar presente em todo o momento, até nos trabalhos em grupo, pois o professor deve oportunizar ao aluno momentos de expressão por meio da linguagem oral e escrita, dos gestos, das mímicas, dos jogos, da dramatização, do desenho, da pintura, oportunizar momentos que o aluno possa expressar seu aprendizado. (CINE, 2004)

### **3.1 Jogos e brincadeiras**

A criança possui um referencial de mundo que muitas vezes mistura o imaginário com o real, é na escola que criamos oportunidades para a criança, pouco a pouco, conhecer seu mundo real, o seu cotidiano, sem perder o imaginário. A brincadeira é o momento sobre si mesmo e sobre o mundo, dentro de um contexto de faz-de-conta.

A criança antes de chegar à escola, aprende a se comunicar, internaliza uma série de informações, construindo conceitos e buscando resposta para suas curiosidades, construindo assim seu conhecimento do mundo que a cerca.

Gosto muito de criar momentos de brincadeiras e jogos com meus alunos. Penso que brincando, a criança não apenas se diverte, recria e interpreta o mundo em que vive, se relaciona com este mundo. É neste



momento que o professor descobre as curiosidades e surgindo um novo Centro de Interesse. Brincando, a criança aprende e ensina.



**Figura 11:** brincadeira no ginásio de esportes da escola

Segundo Tânia Fortuna (2000, p. 134) “Através do simbolismo do brinquedo transfere interesses, fantasias, ansiedades e sentimentos de culpa. Brincar, então, é um meio de compreender e relacionar-se com o meio”.

Penso que a participação do professor na brincadeira com a criança eleva o nível de interesse pelo enriquecimento que proporciona, pode também contribuir para o esclarecimento de dúvidas referentes às regras das brincadeiras. A criança sente-se ao mesmo tempo prestigiada e desafiada quando o parceiro da brincadeira é o próprio professor. Este, por sua vez pode levar a criança a fazer descobertas e a viver experiências que tornam o brincar mais estimulante e mais rico em aprendizado.

A brincadeira espontânea e agradável leva a criança a expressar seus impulsos instintivos. A brincadeira é importante para incentivar não só imaginação e afeto nas crianças durante o seu desenvolvimento, mas também para auxiliar no desenvolvimento de competências cognitivas e sociais.

[...] brincar e aprender ensinam ao professor, por meio de sua ação, observação e reflexão, incessantemente renovadas, como e o quê o aluno conhece. É disso que ele se serve para planejar sua aula. Neste espaço compartilhado de confiança, o professor é autorizado pelo aluno a saber algo a seu respeito [...] (FORTUNA, 2000 p. 140)

Alunos com dificuldades de aprendizagem ou com necessidades especiais, podem valer-se da brincadeira como recurso para facilitar a compreensão espontânea dos conteúdos pedagógicos, ao brincar, uma criança dá muitas informações e comunica, por meio da ação, sua forma de pensar, ela pode ser uma importante estratégia de inclusão e socialização, além de desenvolver as habilidades psicomotoras das crianças.

A importância dos companheiros de brincadeiras na socialização de crianças é de fundamental importância, através dos jogos e brincadeira, os alunos aprendem a conviver, a interagir, a criar um ambiente harmonioso com seus companheiros, e isso se reflete fora do ambiente escolar.

Brincando em grupo as crianças envolvem-se em uma situação imaginária onde cada um poderá exercer papéis diversos aos de sua realidade, além de que, estarão necessariamente submetidas a regras de comportamento e atitude.

Os jogos, se convenientemente planejados, são um recurso pedagógico eficaz para a construção do conhecimento. Conforme Fortuna (2000, p.140) “Ao professor o jogo ensina como seu aluno aprende, se relaciona, levanta hipóteses, se expressa – é um manancial de informações sobre a vida intelectual, social e afetiva de quem aprende.”

O observador precisa estar preparado para reconhecer nas atitudes das crianças, ações ou procedimentos que retratem os indícios dos critérios necessários para uma boa formação cognitiva, e até afetiva-social do aluno.

Devemos utilizar os jogos não como instrumentos recreativos na aprendizagem, mas como facilitadores, colaborando para trabalhar os bloqueios que os alunos apresentam em relação a alguns conteúdos. Este momento é para a criança, um espaço de investigação e construção de conhecimentos sobre si mesma e sobre o mundo.

Segundo Fortuna (2000, p.138) “A sala de aula é um lugar de brincar se o professor consegue conciliar os objetivos pedagógicos com os desejos do aluno”.

Gosto de promover aos meus alunos, momentos onde eles podem criar, inventar, imaginar. É muito interessante ver uma criança transformar um simples copo de plástico numa fantástica nave espacial com tripulantes e tudo. A sucata é um recurso, se mostra como um lixo real, mas depois de transformá-la, passamos a dar origem a objetos construtivos, expressivos. Isso eu percebi na atividade que realizei com meus alunos, quando cada aluno montou sua casa do sonho. Foi um momento divertido, onde os alunos trocaram idéias, materiais, dividiram sonhos.



**Figura 12:** trabalho com sucata

Depois do trabalho pronto, os alunos apresentaram sua casa, com suas características, cor, tamanho, a professora tirou foto e os trabalhos foram apresentados na sala de informática no projetor multimídia. Conforme a foto 14 mostra, os alunos assistiram a apresentação, empolgados e orgulhosos.



**Figura 13:** apresentação dos trabalhos da turma no projetor multimídia



Penso que isso é trabalhar Centro de Interesse, notar seu aluno feliz, realizado em ver seu trabalho ser apresentado, mostra que o assunto realmente era do seu interesse. Conforme (MATTOS, 2008, P.91) "...à atividade educativa, deve sempre possibilitar "uma libertação de forças, tendências e impulsos existentes no indivíduo, e por ele mesmo trabalhados e exercitados, e, portanto, dirigidos, porque sem direção eles não poderiam se exercitar"

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na atuação em sala de aula, tem-se a oportunidade de reflexão, de analisar onde e como devemos melhorar. Que situações nos deixaram pensativos, intrigados, curiosos. Queremos dizer que existe um exercício intencional do professor que o leva, constantemente, a refletir sobre o que realizou, a mudar a sua ação sempre que necessário e a refletir novamente sobre os rumos de sua nova ação. Assim temos: ação-reflexão-ação. Naturalmente que esses "interesses" deve ser organizados pelo professor, para o melhor desempenho das crianças. O professor, portanto, age como mediador entre aluno e conhecimento.

A base do Centro de Interesse é partirmos sempre de um contexto amplo que irá nos permitir identificar por quais temas específicos os alunos se interessarão para nortear nosso planejamento. O aluno deve ser desafiado, para que deseje saber, e uma forma de criar este interesse é dar a ele a possibilidade de descobrir e desenvolver uma atitude de investigação, uma atitude que garanta o desejo mais duradouro de saber, de querer saber sempre.

Portanto, penso que é importante que o professor tenha consciência que, mesmo embasado numa teoria adequada, encontrará crianças que

enfrentarão grandes dificuldades, evoluirão devagar e terão necessidades de entender os processos de ensino e de aprendizagem por um período mais longo.

Descobrimos que a criança, mesmo que não tenham consciência disso, ao entrar para a escola, quer encontrar um amigo, um companheiro, um desafiador, um líder, alguém que se preocupe e respeite ela e a faça pensar, questionar, tomar consciência de si e a da realidade e esforça-se na busca dos conhecimentos. Alguém que seja um parceiro na construção de uma nova história e de uma sociedade melhor.

Acredito que não há diferença entre educação e uma diversão sadia, que educar é um ato responsável, educar é tornar o indivíduo consciente, engajado e construtor de uma nova realidade. Para atingir esse fim é preciso que a sociedade, em todas as suas relações de poder, promova a busca das satisfações individuais até atingir a alegria ou a felicidade coletiva.

Por esse motivo acredito que trabalhar com Centro de Interesse, facilita a atividade, a ação, à participação do aluno no seu processo de produzir fatos sociais, de trocar informações com o outro e desenvolver competências. Significa romper com o modelo fragmentado de educação e recriando a escola, transformando-a em espaço significativo de aprendizagem para todos os que dela fazem parte.

Defendo o princípio de que o trabalho de educar não deve se limitar a transmitir conteúdos, mas a favorecer a atividade mental do aluno. O importante é não apenas se apropriar de conceitos, mas também gerar questionamentos, ampliar as ideias.

Encontra-se ainda muitos casos de uma educação tradicional, que marginaliza e exclui um bom número de alunos na aplicação de seus métodos antigos e tradicionais, na seleção de conteúdos programáticos muitas vezes fragmentados e desvinculados da vida dos educandos, sem se preocupar em despertar o interesse devido.

Entendo que, mudar a escola não é um empreendimento fácil e que possa ser levado a efeito em pouco tempo, embora seja necessário e urgente,

pois cabe à escola tornar-se um dos agentes de mudança social e constituir-se num espaço democrático, garantindo ao educando o direito de usufruir da construção do seu conhecimento.

Portanto é preciso desacomodar-se, buscar o "inédito viável" proposto por Paulo Freire, ou seja, uma educação possível de ser concretizada, cheia de significados para todos os envolvidos no processo educativo. Porém, sei que "desacomodar" não é fácil, muito tem que se "lutar" para isso, começando por nós mesmos, os professores, e pelo nosso próprio fazer pedagógico.

## REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, Claudio Roberto. **A inclusão e seus sentidos: entre edifícios e tendas**. Curitiba, 2004.
- BECKER, Fernando. Modelos Pedagógicos e Modelos Epistemológicos. In: BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p.15-32
- CINEL, Nora Cecília Bocaccio. Centros de Interesse: Estratégia utiliza multidisciplinaridade para desenvolvimento global. **Revista Do Professor**, Porto Alegre, n. 20, p.32-36, abr. 2004.
- HARA, Regina. **Alfabetização de adultos**: ainda um desafio. 3. Ed. São Paulo: CEDI, 1992.
- HERNÁNDEZ, Fernando. MONTSERRAT, Ventura. Os projetos de trabalho: uma forma de organizar os conhecimentos escolares. In: \_\_\_\_\_. **A organização do currículo por Projetos de Trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- FORTUNA, T. R. Sala de aula é lugar de brincar? In: XAVIER, M. L. M. e DALLAS ZEN, M. I. H. (org) **Planejamento em destaque**: análises menos convencionais. Porto Alegre: Mediação, 2000. p.130 a 141.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa - São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MATTOS, Sérgio Túlio Generoso de. **A noção de interesse na escola nova:** formulações teóricas e a interpretação de Anísio Teixeira de 1924 a 1932. 2008. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

## **ANEXO - fotos das atividades desenvolvidas**

### **FOTO DO PASSEIO DE OBSERVAÇÃO DO BAIRRO**



### **FOTO DOS ALUNOS CONHECENDO UMA IMPRESSORA**



**FOTO DA ALUNA APRESENTANDO SUA MÃE**

